

Não é original, mas traslado passado do livro de prazos a 24 de janeiro da era de 1388, por mandado do juiz de Guimarães Affonso Domingues, pelo tabellião Gonçalo Martins, sendo testemunhas, entre outros, André Affonso e Antoninho Lourenço, tabelliães.

CXVI

5 de outubro de 1341

Posse do casal do Bairro, freguesia de Atães, no qual Lourenço Martins e mulher Maria Pires impuseram o encargo de 15 soldos annuaes para os clericos do côro.

Escrita pelo tabellião Francisco Geraldès a 5 de outubro da era de 1379.

(Continúa).

O abbade J. G. DE OLIVEIRA GUIMARÃES.

O desacato na Igreja de Santa Engracia e as insignias dos «Escravos do Santissimo Sacramento»

I

Na manhã de 16 de Janeiro de 1630 acordou a cidade de Lisboa alarmada com a noticia, que rapidamente se espalhou, de que, durante a noite, tinha sido arrombado o sacrario da igreja de Santa Engracia, e d'ali roubadas as sagradas Formulas, juntamente com um cofre de tartaruga, onde estavam guardadas¹.

É indescrível a impressão que esta noticia causou; as ruas encheram-se de gente, e dentro em breve formou-se uma enorme e compacta massa de povo. Cada qual manifestava de maneira differente o seu pesar: uns gemiam, muitos gritavam e choravam, outros lamemvavam, mas todos pediam vingança contra o autor ou autores do sacrilego crime².

Apoderou-se de toda aquella gente um verdadeiro terror, e pôde dizer-se que a revolução que, dez annos mais tarde, sacudiu o jugo hespanhol, não impressionou mais fortemente a população da capital.

¹ Tambem foram roubados alguns objectos do culto e quebradas as mãos de uma Imagem de S. Fructuoso. Esta Imagem, assim mutilada, ainda hoje existe na freguesia de Santa Engracia.

² *Historia da fundação do Real Convento do Lourical*, pelo P. Manoel Monteiro, Lisboa 1750, p. 8.

O terror era ainda maior porque os astrologos haviam prognosticado, *baseados em observações mathematicas*, que o anno de 1630 seria fatal ao mundo¹; e como naquella noite, por coincidência, se tivesse desencadeado sobre a cidade uma grande tempestade, o povo julgava talvez que era sinal de que a colera divina, exaltada por causa do desacato, ia tudo destruir.

As touradas, mascaradas e outras festas que estavam para se realizar, em sinal de regozijo pelo nascimento do principe D. Balthasar Carlos, foram immediatamente adiadas por causa do desacato².

Era enorme o empenho que havia em descobrir o criminoso; muitos fidalgos, titulares e outras pessoas, annunciavam pelas portas das igrejas que se obrigavam a dar grandes quantias á pessoa que o descobrisse; alguns chegavam a offerecer 2:000 cruzados, alem de prometterem tambem officios rendosos³.

A igreja de Santa Engracia encheu-se a transbordar e os sinos dobravam com fôrça.

Pela tarde appareceram nas esquinas editaes affixados em nome de el-rei, que ordenavam que no dia seguinte ninguem saísse de suas casas, *sob pena de morte*, para que as autoridades, mais á vontade, pudessem proceder a rigorosa devassa.

Logo que as justiçaes de el-rei tomaram conta do caso, puseram-se immediatamente em campo os seus terriveis agentes.

Algumas foram as pessoas presas e postas a tratos sem que nada se descobrisse, mas no dia 18 foi preso, como autor do desacato, um desgraçado chamado Simão Pires Solis.

Depois de soffrer as mais horriveis torturas, foi julgado por um tribunal em que era juiz o Dr. Gabriel Pereira de Castro, o celebre poeta, autor da *Ulyssêa*, que lavrou a seguinte sentença: «... em barço, e pregão pelas ruas publicas, e costumadas, seja o dito Reo amostrado, e levado ao campo de Santa Clara, aonde está a dita Igreja

¹ *Tratado historico e juridico sobre o sacrilego furto execravel sacrilegio que se fez na parochial igreja de Odivellas, termo da cidade de Lisboa, na noite de dez para onze do mez de Maio de 1671*, pelo licenciado Manoel Alvares Pêgas. Madrid, anno de 1678, p. 33. Existe este livro na Biblioteca Nacional.

² Veja-se a consulta da camara ao governo, feita em 29 de Abril de 1630, nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, parte 1, tomo III, p. 335.

³ *Abecedario militar do que o soldado deve fazer té chegar a ser capitão, e sargento-mór*, recopilado de graves auctores pelo alferes João de Brito de Lemos... Dedicado ao Senhor D. Theodosio segundo d'este nome Duque de Bragança. Anno de 1631. Em Lisboa, na officina de Pedro Craesbeeck. Vol. 1, p. 84. Existe na Biblioteca Nacional. Q. 11—5—6. Secção 2.^a

de Santa Engracia, e alli lhe serão decepadas ambas as mãos, que serão queimadas á sua vista, e em hum mastro alto á vista de todos será posto, aonde será queimado vivo, e seus bens, que se lhe acharem, serão applicados á Confraria do Santissimo Sacramento da mesma Igreja de Santa Engracia ¹, para que o Juiz, e Confrades da Confraria, que novamente se instituhio, a seu arbitrio gastem os ditos bens no que parecer para mais ornato do Sacrario, e Capella mór, e outras obras do culto do dito Senhor; e mandão, que sendo o dito Reo levado ao dito lugar, e feito por fogo em pó, suas cinzas serão lançadas no mar, para que de todo se extingua sua memoria, e pague as custas»².

Toda esta horrivel sentença se executou á risca no dia 3 de Fevereiro de 1631, apesar de ser extremamente rigorosa e de haver fortes presunções de que o Reu estava innocente.

Diz-se que quatro annos depois, um gallego que havia servido num convento de Lisboa, ao ser conduzido para a forca, em Orense, por um crime de furto, confessou ser o autor do desacato.

O desgraçado Solis era christão-novo e, segundo a opinião corrente, estava ennamorado de uma freira do convento de Santa Clara, que ficava proximo da igreja de Santa Engracia.

Repetidas vezes, a horas mortas, ia o apaixonado mancebo falar á freira, e, para abafar o ruido que o seu ginete produzia com as patas na calçada, tinha o cuidado de as cobrir com trapos.

Na noite em que se praticou o desacato teve a infelicidade de ser visto por aquelles sitios, fóra de horas. Foi por isso denunciado e preso.

Mas, apesar de lhe infringirem as mais horriveis torturas, nunca, para não expôr a freira, declarou o motivo porque se achava áquella hora em tal lugar, caindo em varias contradições que serviram de principal pretexto para a sua condemnação³.

¹ Por Alvará de 12 de Junho de 1631 foi nomeado o Licenciado Balthasar de Figueiredo, juiz do civil, para tratar da arrecadação d'estes bens a favor da Confraria dos Escravos. Veja-se na Torre do Tombo o liv. 29 da *Chancellaria de Filipe III*, fl. 32 v.

² Transcrevemos esta sentença da *Historia da fundação do Convento do Loureiral*, pp. 24 e 25.

³ Uma curiosa lenda anda ligada a este facto. Conta-se que a freira, com receio de que o namorado a denunciasse, lhe enviou á prisão, por uma velha criada, dois melões, dos quaes um ia CALADO. Num simples bilheteinho estavam escritas estas palavras: «O calado é o melhor». Este assunto inspirou uma poesia a J. da Costa Cascaes, que vem publicada no *Panorama*, vol. 1, 2.ª serie, n.º 25, 18 de Junho de 1842, a p. 197 e sqq. Intitula-se: «O desacato, ou o calado é o melhor. Romance historico, 1630-1631».

A julgar pelos «considerandos», a sentença foi injusta, por falta de provas e d'ahi a origem de uma grave accusação que pesa sobre o juiz que a proferiu. Como porém essa accusação não está sufficientemente provada, não a podemos perflhar sem reservas, tratando-se, demais a mais, de um vulto tão importante da nossa literatura, cujas virtudes e boas qualidades são enaltecidas por um dos seus biographos ¹.

Por isso limitamo-nos a repetir, com essas reservas, o que d'essa accusação consta de um livro que adeante citamos.

Segundo o que ahi se lê, parece que houve certas razões occultas que determinaram a condemnação. Rapaz travesso e aventureiro, não muito sympathico, pois que se dizia que tinha batido no pae, Simão Solis passava a sua vida em conquistas amorosas. Alem dos seus amores com a freira e com varias outras, teve a infeliz lembrança de fazer a côrte á propria mulher do Dr. Gabriel Pereira de Castro, D. Joanna de Sousa.

Por isso o poeta, altamente offendido na sua honra, logo que o seu rival lhe caiu debaixo do poder, resolveu vingar-se cruelmente.

Não lhe foi, porém, muito facil o intento, porque, dentro do proprio tribunal foram levantadas muitas duvidas acêrca da culpabilidade do reu; o poeta, com desejo de vingança, tudo removeu, e, por fim, elle proprio lavrou a sentença.

Ao proferi-la, varias vezes se atrapalhou na leitura, e isso não passou sem reparo ao vice-rei, que era o Conde de Basto, que lhe observou: «ainda não sabe ler?».

Um dos juizes que fazia parte do tribunal, disse ulteriormente que, depois da sentença de Christo, era aquella a mais injusta.

A opinião publica tambem se manifestou contrária á condemnação. Durante a execução o povo conservou-se sereno e quieto, quando era costume, em outros casos idênticos, dirigir chufas, improperios e pedradas aos suppliciados.

D'esta vez, os corregedores é que ouviram alguns insultos.

Tinha o Solis tres irmãs que estavam freiras no convento de Santa Clara, das quaes duas endoideceram no proprio dia do supplicio e um irmão d'elle, que era padre em Lisboa, renegou e fugio para a Hollanda onde veio a casar ².

¹ Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo II, p. 317.

² Com respeito á vingança do Dr. Gabriel Pereira de Castro, veja-se a *Collecção das mais celebres sentenças das Inquisições de Lisboa, Evora, Coimbra e Goa, algumas d'ellas originaes e outras curiosamente annotadas, etc.*, por Antonio Joa-

Commemorando o desacato foi levantada uma cruz de pedra no local da execução, que a camara municipal entendeu mandar destruir depois de 1834!¹

*

Os desacatos d'esta natureza não eram raros nas epochas de fanatismo. Houve-os em Odivellas², Coimbra³, Setubal⁴, Porto⁵, S. João da Pesqueira⁶, e em muitas outras terras do reino.

Eram quasi sempre os christãos-novos ou os judeus que os pagavam na fogueira, e seguia-se depois o desaggravo por meio de procissões, jejuns, missas, instituições de confrarias, fundações de conventos, etc., e havia luto official.

Começou o desaggravo por este desacato com um lausperenne na Sé, ordenado pelo arcebispo de Lisboa, D. Afonso Furtado de Mendonça⁷, o qual durou oito dias.

A igreja estava ornamentada com os «pannos reaes da tomada de Tunis»⁸, e havia missas, officios e sermões.

Terminando este oitavario em um domingo, fez-se nesse dia uma solemmissima procissão a que ninguem faltou.

quim Moreira, Lisboa 1863, p. 244 e sqq. Este livro, manuscrito, está na Bibliotheca Nacional de Lisboa, na secção de manuscritos. «Collecção Moreira, Collecção de sentenças das Inquições—L—B— $\frac{16}{11}$ ».

Deve notar-se que a sentença do Solis não foi proferida pela Inquição, por isso que o crime por elle commettido não era da competencia d'aquelle tribunal.

¹ *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, parte 1, tomo III, p. 339.

² *Tratado historico e juridico*, já citado.

³ *Agiologio Lusitano*, tomo III, p. 384.

⁴ *Elogio funebre e historico de D. João V*, por Francisco Xavier da Silva, p. 45.

⁵ *Anno Historico*, 11 de Maio, n.º 5.

⁶ *Memorias para a historia de D. Sebastião*, tomo III, p. 125.

Damos esta lista apenas para exemplo, pois que o numero de desacatos é muitissimo superior. Num manuscrito intitulado: *Carta em forma de Gazeta escripta em Lisboa, com as noticias da terra, e de fóra d'ella reunidas desde o 1.º de Janeiro do anno de 1704*, de pag. 270 a 275 v vem uma lista de desacatos em Portugal desde 1266 até 1715. Bibliotheca Nacional B—8—25, secção de manuscritos.

⁷ Diz-se que este arcebispo, que neste tempo tambem era governador do reino, morreu pouco tempo depois (2 de Junho de 1630), em consequencia do desgosto que teve por causa do desacato. Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, p. 274, in fine.

⁸ *Abecedario* citado.

Do clero, da nobreza e do povo, todos concorreram; e era tanta a gente, que, começando a sair da Sé ao meio dia, só á noite chegou ao termo. Seguiu pelas ruas, da Padaria, Pelourinho, Terreiro do Paço, Ribeira, Rua Direita da Alfama e Porta da Cruz, até a igreja de Santa Engracia.

Nesta igreja conservou-se o lausperenne durante outros oito dias, sendo a festa de cada dia á custa de differentes fidalgos. Por exemplo, D. Antonio da Silva, thesoureiro da alfandega, pagou a de quinta feira, e á noite houve arraial, com «fogo de arvores, rodas, montantes e foguetes». A de sexta feira foi feita por conta do conde de Sabugal, que se conservou todo o dia sem comer. A de domingo, e ultima, fê-la o arcebispo, que disse missa de pontifical ¹.

*

Outra fórma do desaggravo foi a instituição de uma grande confraria de fidalgos, intitulada dos «Escravos do Santissimo Sacramento»².

O compromisso ou estatutos d'esta irmandade, que em vão procurámos no cartorio da freguesia de Santa Engracia, na Torre do Tombo e no archivo da Camara Ecclesiastica, foi assinado no dia 19 de Maio de 1630³.

O presidente era o rei, e eram irmãos apenas cem fidalgos que se obrigavam, debaixo de juramento, a não consentir que para ella entrasse quem tivesse raça, ou sequer fama, de christão-novo.

Todos os annos, nos dias 16, 17 e 18 de Janeiro, por ser o primeiro d'estes dias anniversario do desacato, faziam uma festa ao Santissimo Sacramento, na capella do paço⁴, com assistencia e á custa da familia real no primeiro dia, e á custa da propria irmandade nos outros dois dias. Terminava a festa por uma procissão, em que iam as pessoas reaes segurar ás varas do palio. Todos os annos se nomeavam os fidalgos que ficavam encarregados de dirigir as festas do anno immediato. Em 1631 eram os seguintes: marquês de Castello Rodrigo, D. Gonçalo

¹ Tudo isto se acha descrito no *Abecedario militar*, que já citámos, a p. 84 e sqq.

² Veja-se o livro que citámos na nota antecedente, e tambem o *Anno Historico*, 15 de janeiro. Esta irmandade era independente da do Santissimo que existia na mesma freguesia.

³ *Abecedario*, p. 85.

⁴ Antes do terramoto fazia-se em S. Vicente, e depois na Ajuda.

Coutinho, D. Martinho de Mascarenhas, capitão dos ginetes, conde de Santa Cruz, D. Luis de Noronha, conde de S. João, João Mendes de Tavora, conde dos Arcos, Pero da Silva de S. Payo, conde da Calheta, D. Antonio da Silva, visconde da Ponte de Lima, D. Lourenço de Lima.

O papa Urbano VIII concedeu jubileu plenissimo a todas as pessoas que, confessadas e commungadas, assistissem á festa em qualquer dos tres dias, e autorização para que pudesse haver lausperenne mesmo nos dias de trabalho e sermão de manhã e á tarde.

Resolveu a irmandade dos Escravos fundar um majestoso templo no sitio aonde havia a antiga igreja, o qual, estando quasi concluido, foi arruinado.

No anno de 1682 foi começado o outro que ainda hoje está por concluir ¹.

A primeira pedra do novo templo foi lançada solemnemente por D. Pedro, principe regente, e tinha a seguinte inscripção:

«Cum ineunte trigesimo supra milesimum sexcentesium salutis anno ex D. Engratiae Aede quidam nefarius homo per tenebras procellosae noctis Sanctissimum Corpus Domini furatus esset, Nobilitas Lusitana in tanti sacrilegii expiationem centumvirale sodalitium constituit, et eodem in loco magnificum Templum propriis sumptibus construere decrevit, ut ubi impia manus sacrosanctam Eucharistiam temerare fuerat ausa, ibi a piis animis aeternum colenda foret. At opere jam perfectioni proximo forte colapso, iterum Nobilitas Lusitana impellente, ac magnifice adjuvante Serenissimo Petro Portugalliae Principe, et Moderatore, aliud Templum, sed elegantioris structurae, erigere statuit, cujus primum fundamentorum lapidem idem Serenissimus Princeps pro insita Lusitanis Regibus pietate propria manu jecit. Ann. Dni. M.DC.LXXXII ².

Este edificio é grandioso e pouco falta para a sua conclusão ³, mas

¹ A longa demora d'estas obras deu origem a um dito popular, muito conhecido e antigo. Sempre que algumas obras demoram mais do que o tempo devido, é vulgar dizer-se: «parecem as obras de Santa Engracia».

² Transcrevemos esta inscripção do *Mappa de Portugal*, do P.^o João Baptista de Castro, 3.^a edição, revista e acrescentada por Manoel Bernardes Branco, vol. III, p. 160.

³ Quando o desgraçado Solis estava já collocado no mastro para ser queimado, já as obras da primeira igreja nova haviam principiado, e conta a lenda que elle, olhando para ellas, dissera: «tão certo é eu estar innocente, como é verdade que aquellas obras nunca se hão de acabar». Veja-se *Lisboa antiga e Lisboa moderna*, por Angelina Vidal, tomo II, pp. 101 e 102.

as obras crê-se que cessaram por completo, visto que d'elle se faz agora deposito de material para o exercito.

Parece que a irmandade dos Escravos se dissolveu no tempo das lutas entre D. Pedro e D. Miguel; a festa do desaggravo continua porém a fazer-se todos os annos na Sé.

O Real Convento do Lourçal, de cuja fundação a historia é bastante curiosa, tambem foi instituido com o fim de desaggravar o mesmo célebre desacato.

Na occasião em que este se commetteu, vivia no Lourçal, em companhia de seus paes, uma rapariga nova, chamada Maria de Brito, nome que ulteriormente substituiu pelo de Maria do Lado, por que ficou sendo conhecida.

Era confessada do P.^o Fr. Bernardino das Chagas, que tinha lido artes e que estava então no Convento de Santo Antonio da Figueira, e ia de vez em quando confessar e prégar áquella villa¹.

A prodigiosa mulher tinha muitas visões, e succedeu que em uma d'ellas lhe quizeram attribuir a revelação milagrosa do desacato que na mesma hora se estava praticando em Santa Engracia.

«Ficando a esta hora em hum traspasso espirital, vio em espirito junto a si a Christo pregado em dous madeiros, com huma corda ao pescoço, todo pizado aos couces, derramando muito sangue; e com os olhos nella, mui sentido, e magoado dizendo: Filha, compadece-te de mim, que agora me tornam a crucificar de novo em Portugal: e ouvia vozes de escarnios, dando risadas, e fazendo grandes rugidos de armas»².

Não sabendo intérpretar as enigmaticas visões, recorria ao confessor que lh'as explicava: «Mostrou-lhe Deus, filha minha, que nessa hora o roubaram, para de novo o crucificarem»³.

Fr. Bernardino, visto tratar-se de uma mulher tão protegida pela graça divina, teve a luminosa ideia de a aconselhar a que pedisse a Deus se dignasse inspirar-lhe o melhor modo de se fazer o desaggravo. D'ahi a dias, Maria do Lado communicou ao confessor que o Senhor lhe in-

¹ Veja-se o *Compendio da admiravel vida da veneravel madre Maria do Lado*, p. 22, e *Historia da fundação do Real Convento do Lourçal*, p. 29.

² *Compendio* citado, p. 50.

³ No mesmo livro, p. 52.

fundira um ardente desejo de viver em retiro com mais companheiras, em união espiritual, dedicando-se ao culto do Santissimo Sacramento, e instituindo um lausperenne permanente.

Em 12 de Abril de 1630 foi posta em pratica a ideia, que tinha sido approvada pelo confessor. Maria do Lado, com mais algumas companheiras que se lhe tinham reunido, ia então passar os dias para a igreja, e só á noite recolhia a casa.

No anno seguinte tomaram habito e foram viver em commuidade para umas casas do pae de Maria do Lado, mas esta pouco tempo pôde gozar de tão santa paz, pois que falleceu em 28 de Abril de 1632, com fama de santa.

Empregaram-se grandes esforços para obter a sua canonização, mas nada se conseguiu ¹.

A commuidade continuou vivendo como pôde, e no anno de 1640 foi lançada a primeira pedra para a construcção de uma igreja, que doze annos depois estava concluida.

Com grande pompa para lá foram trasladados os restos de Maria do Lado.

Em 1690, com 6:000 cruzados offerecidos por D. Pedro II, começaram os trabalhos para a edificação de um convento grande.

Esgotada aquella verba, o P.^o Francisco da Cruz, irmão de Maria do Lado, protector do convento e ao mesmo tempo confessor do principe D. João, que foi depois D. João V, tomou á sua conta o encargo de levar a empresa a bom termo.

Em principios do anno de 1700 adoeceu o principe gravemente, tinha então 11 annos, e, chamando a si o P.^o Cruz, quis-se confessar, dispondo-se para morrer.

A occasião era boa e o padre soube aproveitá-la. Misturou com agua uma porção de terra da sepultura de Maria do Lado e deu-a a beber ao joven principe ².

No dia seguinte a doença, que até então não estava definida, manifestou-se claramente: era um benigno ataque de bexigas. É claro que o padre Cruz attribuiu logo a benignidade da molestia a milagre da virtuosa mulher, e por isso, como recompensa, pediu ao principe a sua alta protecção para o convento.

¹ Veja-se o *Agiologio Lusitano*, nos dias 28 de Abril, letra G, e commentario respectivo; e 4 de Agosto, letra A, e respectivo commentario.

² Veja-se o *Elogio funebre e historico de D. João V*, por Francisco Xavier da Silva, p. 29.

Não se contentou, porém, com a simples promessa verbal, exigiu que elle assinasse um voto, muito em segredo, declarando que se obrigava a concluir as obras do convento do Lourical¹.

O principe veio a ser rei e teve de cumprir o voto. Em 1708 estava o convento já em estado de ser habitado. Dotou-o com 6:000 cruzados de renda e encheu a igreja de «excellente prata e bons ornamentos»².

As primeiras quatro freiras que nelle entraram, vieram do convento do Calvario, de Evora, e fizeram a viagem, com todas as commodidades, por conta do rei, desembarcando em Lisboa na mesma ponte que tinha sido armada para a chegada de D. Mariana de Austria.

A familia real esteve nas janellas do paço assistindo ao desembarque, e na ponte eram aguardadas pelo veador da rainha, D. Gastão José da Camara Coutinho, por sua mulher D. Teresa de Noronha, e pela Condessa de Assumar.

Estiveram as freiras hospedadas durante tres meses no convento da Esperança e seguiram depois para o Lourical, onde chegaram em 8 de Maio de 1708, sendo ali recebidas pelo bispo-conde, cabido, fidalgos e confrarias de Coimbra.

A regra adoptada no convento era a de Santa Clara. As freiras eram em numero de 33, em homenagem á idade de Christo, e tinham por obrigação estar em lausperenne permanente, quer de dia, quer de noite, para desaggravo do desacato de Santa Engracia.

Tambem se appellidavam «escravas do Santissimo Sacramento».

*

A infanta D. Mariana, segunda filha de D. José, mandou construir um pequeno convento, junto das obras de Santa Engracia, a Santa Clara, tambem para desaggravar o mesmo desacato. É conhecido este convento por *Conventinho do desaggravo*, e nelle se faz todos os annos uma festa, nos dias 16, 17 e 18 de Janeiro, com bastante solemnidade, para desaggravo do desacato de Santa Engracia³.

Foi construido este convento no mesmo local onde, por tradição, se dizia que haviam sido escondidos o cofre de tartaruga e as particulas

Este voto vem transcrito na *Historia da fundação do Convento*, p. 65 e sqq., e tambem no *Agiologio Lusitano*, 4 de Agosto, Commentario, p. 426.

² *Elogio funebre*, p. 101.

³ Veja-se o *Seculo*, n.º 8:280, de terça feira 17 de Janeiro de 1905, p. 1, col. 3.ª

consagradas¹; por isso a rainha D. Maria I, a instancias da fundadora, sua irmã, ordenou á irmandade dos Escravos, de que era presidente, que entregasse o referido cofre ao *conventinho*, onde ainda hoje se conserva, e em troca offereceu-lhe outro tambem de tartaruga e prata dourada aberta a buril, que está no sacrario da freguesia de Santa Engracia².

O terreno onde está situado o conventinho, pertencia ao Marquês de Angeja, que o cedeu gratuitamente.

A infanta D. Mariana, fundadora do convento, nasceu em Lisboa em 7 de Outubro de 1736 e falleceu no Rio de Janeiro a 16 de Maio de 1813. O seu cadaver foi trazido para Portugal em 1821, ficando depositado por algum tempo em S. José de Ribamar, e no dia 3 de Janeiro de 1822 foi trasladado para este convento onde ainda está.

II

Quando os fidalgos, escravos do Santissimo Sacramento, assistiam ás festas que faziam para desagravo do desacato de Santa Engracia, costumavam usar, suspensas ao peito por uma fita encarnada, umas insignias³, cujo desenho com a descrição das duas que possuímos vamos mostrar ao leitor.

Veja-se a fig. 1.^a

Anv. — Assente sobre nuvens, um sacrario com a porta arrombada, a qual está descaida desamparadamente para a direita.

Por cima do sacrario, sobre um fundo de raios luminosos, uma custodia contendo o Santissimo Sacramento.

Aos lados do sacrario estão dois anjos. O do lado esquerdo do observador, que está descalço, tem a mão esquerda sobre o peito, e com a direita mostra o arrombamento feito no sacrario. Olha para o Santissimo Sacramento em attitude de quem lamenta o desacato commettido.

O da direita, de joelhos sobre as nuvens, está de mãos postas, em attitude de oração.

¹ Veja-se o livro: *Jesus Christo no Santissimo Sacramento da Eucharistia*, etc., por Fr. Miguel de Azevedo Eborense, tomo 1, p. 198, nota.

² Veja-se no cartorio da freguesia de Santa Engracia o *Inventario da Fabrica da Irmandade do Santissimo Sacramento de Santa Engracia*, p. 13, nota á margem, feita em 16 de Janeiro de 1785, pelo escrivão José Candido Branco.

³ Veja-se o *Anno Historico*, 15 de Janeiro, e *Memoria das medalhas*, por Lopes Fernandes, p. 11.

Por detrás d'estes dois anjos prolongam-se para cima duas nuvens, e de cada uma d'ellas apparece uma cabeça de anjo. Outras duas cabeças tambem apparecem entre o pedestal da custodia e a cimalha do sacrario.

Rev.—Tem a seguinte legenda, em quatro linhas: LOUVADO.—SEJA.—O SANTÍSSIMO—SACRAMENTO. e na orla uma cerca-dura ornamentada.

Esta medalha tem na parte superior uma argola fixa, com ornatos, onde gira outra que serve para a suspender. É de prata, com toque de 840 millesimos, e está dourada. Pesa 100 grammas.

A sua fôrma é oval, medindo o eixo maior 0^m,077 e o menor 0^m,062, É fundida em duas peças que correspondem a dois lados, sendo por isso ôca.

O lado do averso tem muito relevo. No seu conjunto é de bonito aspecto.

O reverso é liso, polido e convexo.

Veja-se a fig. 2.^a

Anv.—Envolvido por espessas nuvens, um sacrario arrombado, cuja cimalha assenta em duas columnas ornamentadas aos lados.

A porta está encostada á columna do lado esquerdo, e, por estar fóra do seu lugar, deixa ver dentro do sacrario uma cortina franjada na parte superior.

De joelhos sobre as nuvens, de um e de outro lado, duas grandes figuras de anjos amparam cuidadosamente um calix, que está collocado por cima do sacrario.

O calix tem em cima uma hostia, e assenta em um fundo de grossos raios luminosos.

Entre o pedestal do calix e a cimalha do sacrario ha uma nuvem disposta em fôrma de S.

Rev.—Em cinco linhas a seguinte legenda: LOUVADO—SEIA—O SANTÍSSIMO—SACRAMEN—TO.

Esta medalha tem tambem na parte superior uma argola fixa, na qual gira outra, e é de prata dourada com o mesmo toque da antecedente. Pesa 64 grammas. A fôrma é oval, medindo o eixo maior 0^m,067 e o menor 0^m,056.

É fundida em uma só peça e tem muito relevo no averso. O reverso é liso e plano. O trabalho artistico é inferior ao da antecedente.

Destinadas a principio para servirem de insignia aos «Escravos do Santissimo Sacramento», estas medalhas podem considerar-se hoje como commemorativas do célebre desacato. São muito raras e in-

interessantes, e isso basta para que os colleccionadores as apreciem muito.

No quadro, que adiante se segue, indicamos o numero d'aquellas de que temos conhecimento:

Collecção Real ¹	1
Collecção da Biblioteca Nacional.....	1
Collecção do Sr. Julius Meili ²	1
Collecção do Sr. Conde de Penha Longa ³ ...	1
Collecção do Sr. Ferreira Braga.....	1
Collecção do Sr. Leitão (do Porto) ⁴	3
Collecção do Sr. Cyro Augusto de Carvalho ⁵	1
Estampada na obra de Lopes Fernandes ⁶	1
Na nossa collecção.....	2
<i>Total</i>	<u>12</u>

É natural que existam mais algumas, mas não podem ser em grande numero.

Das que indicamos, além das nossas, só vimos quatro: a da Biblioteca Nacional, a do Sr. Conde de Penha Longa, a do Sr. Cyro de Carvalho e a do Sr. Ferreira Braga. Das restantes só temos conhecimento indirecto pelas descrições. Comtudo, quasi que podemos affirmar que com estas medalhas se dá a particularidade de serem todas mais ou menos differentes⁷. Seria por isso bastante util que os seus possuidores se resolvessem a publicá-las em estampas ou, pelo menos, que as descrevessem minuciosamente.

Entre as variedades curiosas devem notar-se as do Sr. Conde da Penha Longa e a do Sr. Cyro de Carvalho, pois que, tanto uma como outra, são de typo differente do das outras.

Em que epoca teria começado o uso d'estas insignias?

¹ Aragão, *Histoire du Travail*, n.º 1:371.

² Informação que nos foi dada em carta por este distincto numismata. Mais nos informou S. Ex.^a que possui reproduções das tres que existem na collecção Leitão.

³ *Catalogo da Casa Liquidadora*, do anno de 1904, n.º 1:150.

⁴ *Numismatica*, por Leitão, n.ºs 8, 9 e 10.

⁵ *Catalogo* publicado pelo negociante hollandês Schulman, «Collection Cyro Augusto de Carvalho», n.º 1:326. Vem estampada.

⁶ Lopes Fernandes, n.º 12.

⁷ A da Biblioteca é muito semelhante á mais pequena das nossas, fig. n.º 2, mas ainda assim é differente.



Fig. 1.^a



Fig. 2.^a

Foi a irmandade instituída ainda no anno de 1630, e os *Escravos* começaram logo de principio a usar as insignias?

A falta do «compromisso» ou «estatutos» inibe-nos de responder a esta interrogação. É verdade que o trabalho tosco das duas variantes curiosas que notámos nos poderia talvez levar á conclusão de que essas seriam usadas na primitiva e que as outras mais perfeitas fossem usadas posteriormente, mas não nos é licito fazer tal affirmação.

O que é positivo é que estas medalhas já eram usadas pelos *Escravos* no tempo de D. João V, porque dois livros d'aquella epoca no-lo attestam: o *Anno Historico*, escrito em 1713 e o *Diccionario* do padre D. Raphael Bluteau, do mesmo anno, que na palavra «insignia» nos diz: *tambem assim se chama a medalha das Irmandades, particularmente em Lisboa a de Santa Engracia.*

É curioso notar que na medalha descripta com o n.º 2 está reproduzida uma das visões de Maria do Lado (*Compendio da sua vida*, pag. 54): «vio a dous Anjos mui formosos e gloriosos, que iam levantando da terra para o Ceo o Santissimo Sacramento; pegando cada qual da sua parte em hum calix, e hostia do tamanho, e forma d'aquelles, que depois trouxe no peito, e suas companheiras».

Segundo a regra do convento do Lourical, *que foi milagrosamente revelada* a Maria do Lado (*Historia da fundação citada*, pag. 190, 193 e sqq.), as freiras tambem usavam, no escapulario, uma insignia bordada, de grandes dimensões, que representava um calix e hostia.

Junqueira, Julho de 1905.

ARTHUR LAMAS.

Archeologia de Trás-os-Montes

Concelho de Alijó

Instrumentos do periodo neolithico e castros luso-romanos

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, II, 264)

Depois das minhas informações n-*O Arch. Port.*, IV, 180, acôrca dos objectos de Parafita, foi-me offerecido um objecto de pedra com aspecto marmoreo de côr roxa, espalmado, tendo de comprimento 0^m,120, de maior largura 0^m,050 e de 0^m,012 de espessura, com uma falha no vertice, devida a uma fractura por qualquer choque de instrumentos agrarios, que lhe tirou quasi metade da largura e entrou pelo corpo do instrumento na extensão de 0^m,026.